

Transcrição da Teleconferência Banrisul (BRSR6 BZ) Resultados do 3T14 13 de novembro de 2014

Operadora:

Bom dia, e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), para discussão dos resultados referentes ao 3T14. Estão presentes hoje conosco os senhores: João Emilio Gazzana, Diretor Financeiro e de Relações com Investidores; Luiz Carlos Morlin, Diretor de Controle e Risco; Werner Kohler, Superintendente Executivo da Unidade de Contabilidade; e Alexandre Pedro Ponzi, Superintendente Executivo das áreas de Relações com Investidores, Mercado de Capitais e Governança.

Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Companhia, e, em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas exclusivamente para analistas e investidores, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de assistência durante a conferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0.

O replay deste evento estará disponível logo após seu encerramento, por um período de sete dias.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banrisul, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais, podem afetar o desempenho futuro do Banrisul e podem conduzir a resultados que diferem materialmente daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaríamos de passar a palavra ao João Emilio Gazzana, Diretor Financeiro e de Relações com Investidores do Banrisul, que dará início à apresentação. Por favor, Sr. João Emilio, pode prosseguir.

João Emilio Gazzana:

Bom dia a todos. Vamos iniciar imediatamente, com a apresentação sucinta dos nossos números relativos ao 3T, e posteriormente reservaremos um bom espaço para discutirmos, para o esclarecimento de tudo. Alexandre, por favor.

Alexandre Pedro Ponzi:

Vamos começar mudando um pouco a ordem da nossa apresentação tradicional, passando direto para os itens de resultados, depois os patrimoniais, a apresentação dos índices financeiros e estruturais, e depois a discussão do *guidance*, que foi mantido.

Na questão o resultado, na primeira lâmina teremos a margem financeira, falaremos da evolução que houve entre o 2T e o 3T. A margem financeira reflete efetivamente o maior ritmo de crescimento do crédito e uma gradativa recomposição de spreads a partir do momento em que a taxa Selic começa a se consolidar em um patamar um pouco mais elevado. Portanto, a margem financeira atinge, na variação trimestral, 6,1% de crescimento no período.

Mais interessante que isso, hoje estamos com a margem financeira acumulada de 7,2%, portanto superior ao *guidance* do Banco, de 7% a 8%. Mas se pegarmos os trimestres, a velocidade de crescimento da margem está cada vez mais robusta: no 3T, fechamos com 7,7% de margem financeira em relação às operações.

E essa margem é toda operacional. Os impactos por conta de efeito de variação cambial estão ajustados dentro da estrutura de hedge e *swap* do Banrisul. Essa margem é, sim, efeito de reprecificação de crédito, crescimento de carteira, efeitos na área comercial do Banco.

Na página seguinte, temos a provisão. A despesa de provisão cresce no trimestre, atingindo R\$209 milhões, crescendo em relação ao período imediatamente anterior cerca de 26%. Este crescimento se dá em decorrência de aderência e movimentos de regularização do sistema de risco e *compliance* do Banco, a variações de pesos e ponderadores deste sistema, e uma maior estabilização, tendo em vista que o sistema hoje já está operacional há mais de 12 meses.

Com relação à variação entre um trimestre e outro, gostaríamos de ressaltar que o Banco observa despesa de provisão enquanto fluxo para efeito do registro trimestral, mas olhamos, enquanto *guidance*, a provisão anual; *guidance* de 2,5% a 3,5%. Imaginamos que devamos ficar, no máximo, com um teto de 3% em relação à carteira total; portanto, o fluxo trimestral acaba sofrendo ajustes para que a provisão seja efetivamente validada dentro do *guidance* do Banco.

Variações vão ocorrer; já havíamos anunciado quando divulgamos o 2T que os ajustes que reforçaram o valor de R\$142 milhões enquanto provisão não deveria se repetir, e que, portanto, provocadas pelos ajustes sistêmicos, e também por operações com o segmento pessoa jurídica, onde, por conta de atrasos e de outras operações que entraram em recuperação judicial ou estão atrasadas há mais tempo, o fluxo de provisão acaba aumentando.

Já havíamos sinalizado como uma média recorrente em torno de R\$200 milhões. Portanto, ajustado o valor anual, estamos dentro do *guidance* do Banco.

A próxima linha é simplesmente o resultado da intermediação financeira após as despesas de provisão, onde começamos a ter, de novo, um crescimento de margem e resultados recorrentes crescendo 1,7% no ano.

A captação do Banco continua crescendo forte, ela tem como seu principal carro-chefe o depósito a prazo, que hoje representa 2/3 da carteira, com crescimento de 5% em três meses e 12% em 12 meses, mas o custo da captação se mantém, seja na estrutura de depósitos a prazo – de novo, 2/3 da nossa estrutura de funding de varejo, 84% da taxa Selic. Mas se pegarmos a captação total, aí incluídos outros produtos, como letra financeira e dívida subordinada, estamos com 82% da taxa Selic.

E a relação crédito/depósito, seja crédito à estrutura de depósito propriamente dita, ou

crédito captação total, também é bastante positiva, onde temos, com relação somente à estrutura de depósito via agência, 91%, e 79,4% com a captação total.

Receita de prestação de serviços com crescimento bastante forte, conforme havíamos anunciado, de 22% no ano e de 18% no trimestre. Este crescimento é decorrência do portfólio de produtos que geram receitas de serviços e tarifas, como, por exemplo, os produtos de débito em conta corrente, a manutenção de conta corrente, que cresceram 9% no ano.

Ou seja, é uma estrutura recorrente de resultado, mas ela está sendo positivamente afetada pelos movimentos de estrutura de cartões, que cresce gerando receita; estruturas de seguros, que vêm contribuindo cada vez mais fortemente; mas o principal *driver* de crescimento no ano e no trimestre tem sido a estrutura de adquirência, ou seja, o resultado oriundo da Rede Vero, onde observamos um crescimento do volume financeiro de 42% em 12 meses e de 13% em três meses. Um crescimento robusto, oriundo de capturas cada vez mais preponderantes de transações com cartões de crédito emitidos por outras instituições financeiras, que representam hoje 40,5% do total das transações capturadas na Rede Vero.

Os outros 50,5% são oriundos do próprio cartão de débito do Banco, Banricompras, e o cartão voucher, o BanriCard, também. Mas, mais importante que isso, o volume de transações também cresce em ritmo forte: 34% em 12 meses, 11,4% no último trimestre; o principal *driver*, portanto, de crescimento de receitas e tarifas, que será complementado daqui para frente com uma robustez cada vez mais forte na estrutura de seguros.

As despesas administrativas acabam crescendo em 12 meses de forma recorrente. Estamos excluindo das despesas de pessoal os impactos que tivemos com o plano de aposentadoria incentivada, que deu pouco mais de R\$64 milhões de despesas no 1S, para que mostremos a recorrência dessa estrutura, crescendo 13% em 12 meses e pouco mais de 6,7% em relação ao mesmo período do ano passado, e 3% em relação ao trimestre anterior, as despesas totais.

Aqui, temos que fazer uma separação entre as despesas de pessoal recorrentes, que têm crescimento de 8% no ano, impactadas sobretudo pelo dissídio da categoria em setembro do ano passado, e pelo reconhecimento de parcela do dissídio deste ano, em cima de uma base de empregados que diminuiu, como na sequência mencionaremos. Portanto, há uma variação entre o 3T e o 2T de 2,4%.

As demais despesas administrativas crescem, enquanto número absoluto, 20% no ano, quase 9% entre o 2T e o 3T. Mas aqui teremos que fazer uma pequena ressalva, colocada entre estruturas que chamamos de demais despesas administrativas e estruturas de despesas variáveis.

Quais são essas despesas variáveis? São as naturalmente vinculadas à estrutura de geração de operações de crédito na plataforma ex-agência, ou seja, via plataforma Bem e correspondentes bancários, ou com a estrutura de captura de transações.

Essas duas rubricas principais que estamos chamando de variáveis têm um componente de crescimento de carteira, de reforço de margem financeira e de crescimento de receita de prestação de serviços. Se excluíssemos essas despesas, as demais despesas administrativas teriam crescido apenas 6,7% em 12 meses, e uma variação de 9% em três; mas no acumulado de 9M, muito próximo de índices de inflação, de IGP-M e IPCA, que são os principais índices de corrigem contratos e o relacionamento do Banco com terceiros.

As demais despesas crescem fortemente, e aqui estamos falando de comissões pagas para originar operações de crédito, e estamos falando do processamento das transações com cartões e com *interchange* dessas mesmas transações.

O resultado do Banco, a demonstração das despesas e receitas operacionais recorrentes, acaba tendo impacto ao longo do ano por conta de ajustes de provisão e por conta do impacto da variação cambial na equivalência patrimonial de dependências que temos no exterior, mas o *net* acaba ficando em torno de R\$-18 milhões no acumulado de 9M.

Com tudo isso, o resultado contábil e ajustado em termos de lucro líquido do Banrisul cai 4,4% em 12 meses, mas, em compensação, começamos a ver uma estabilização forte do resultado recorrente, e o resultado do 3T não traz eventos extraordinários, conforme demonstrado; ou seja, está completamente ajustado, para ratificar estrutura não só de retorno maior, mas também uma estrutura decorrente de todo o reforço de margem e receita de prestação de serviços.

Com isso, entramos nos itens patrimoniais. O ativo total cresce 10,5% em 12 meses, atingindo pouco mais de R\$59 bilhões, a carteira de TVM do Banrisul atinge R\$12,7 bilhões, com crescimento negativo de 15% no ano, da parte compulsória; a carteira de crédito cresce 15,1%, atingindo um total de R\$29,9 bilhões, e no trimestre cresce 6,7%.

Esse crescimento do trimestre leva em consideração não só as operações orgânicas recorrentes do Banrisul, mas também os estímulos do Governo Federal que fizeram com que o Banco acabasse adquirindo carteiras de crédito consignado originadas por terceiros com relação ao aproveitamento de estrutura de depósitos compulsórios sobre depósitos a prazo que temos depositados no Banco Central.

A carteira, de novo, cresce 6,7% em três meses, e aqui faremos uma pequena abertura entre carteira livre, ou a comercial, e a carteira direcionada, a especializada que temos. O *mix* muda um pouco, temos uma proporção maior da carteira especializada em relação à carteira total, com 27% em setembro do ano passado e quase 30% agora em setembro.

Essa composição tem se mantido estável nesses patamares de 1/3 ao longo dos últimos quatro exercícios, mas acaba reforçando uma estrutura que cresce o saldo, mas o resultado financeiro não cresce na mesma proporção por conta do *mix*.

Em compensação, a carteira livre cresce 6,4%, toda dentro da política do Banco, com uma divisão de pouco mais de 50% de carteira de crédito de pessoa física, e o restante na PJ de médio e grande porte. O saldo da provisão em relação à carteira fica estabilizado em patamares próximos a 6% do saldo da carteira, atingindo R\$1,7 bilhão em setembro deste ano.

Na abertura da carteira de crédito com base em setembro, nós temos a especializada, de novo, com pouco menos de 30%, sendo as principais carteiras a carteira imobiliária, com 10,4%, a carteira de crédito rural com pouco mais de 9%, e a carteira de longo prazo, ou repasses do BNDES, com pouco mais de 7,1% da carteira total.

A pessoa física corresponde a quase 40% de todo o crédito do Banrisul, e está dividida em 75% de crédito consignado e 25% de outras linhas de crédito. O crédito consignado tem uma abertura que muda um pouco o percentual, mas não muda as parcelas que o compõem.

O crédito consignado próprio gerado via agência é de 40% de toda essa carteira; o crédito via plataforma Bem-Vindo é de R\$3 bilhões, 25% da carteira; e no adquirido, aqui sim há o reflexo dos movimentos que ocorreram ao longo do trimestre, e, mais precisamente, próximos ao final de setembro, portanto aumentam carteira, mas não reforçam na mesma proporção a estrutura de geração de resultado, onde ela hoje passa para R\$1,3 bilhão.

Na sequência, a estrutura de recursos captados e administrados. Os recursos administrados têm crescimento passando de R\$7,3 bilhões para R\$8,7 bilhões, mas a estrutura de funding do Banco, separada entre depósitos e outros produtos como emissões locais, letras financeiras, letras imobiliárias ou dívida subordinada, acabam tendo crescimento de 4% em três meses, 14% em 12 meses. O PL do Banco, por consequência disso, acaba crescendo 3% em 12 meses, 8% na variação anual, atingindo pouco mais de R\$5,4 bilhões.

Com isso, temos um resumo dos principais indicadores financeiros e estruturais do Banco. O índice de cobertura de 90 dias em 162%, um pouco abaixo do imediatamente anterior, em junho; cobertura de 60 dias também, 140% contra 144% em junho; retorno sobre o patrimônio líquido de 17,1% anualizado agora, bastante superior ao que tivemos no início do ano, dentro do *guidance* que havíamos colocado para este ano; e a inadimplência de 90 dias estável, em 3,5%, com pequeno crescimento da inadimplência de 60 dias, que passa de 4% para 4,1%; e o retorno sobre os ativos ao redor de 1,5%, 1,6% nos últimos dois trimestres.

A eficiência do Banco começa a mostrar uma inflexão positiva. No conceito dos últimos 12 meses na estrutura de receita e despesas, ela passou de 55,9% em junho para 55,2% agora em setembro, mas, se pegarmos as evoluções trimestrais, a performance melhora de forma mais acentuada. Portanto, estamos ainda devendo em relação à eficiência, já havíamos mencionado que o Banco não estava satisfeito com esse indicador, mas começamos a ver tendência positiva na evolução desse indicador.

O índice de Basileia cresce em relação ao período anterior, com confortáveis 17,2% de Basileia total; a estrutura de empregado do Banco sofre redução ao longo dos últimos 12 meses, sobretudo pela resolução e pela solução dada para o programa de previdência complementar. Tivemos, inclusive, uma redução do número de empregados entre junho e setembro; hoje, temos um total de 11.679 empregados.

E abaixo, temos a estrutura de rede de agências, aberta entre agências propriamente ditas e postos de serviço, que foi um dos motivos de crescimento e manutenção de despesas administrativas naquele patamar de 6,7% de variação anual, mas hoje começamos a ver uma estabilização no número total e uma mudança de *mix*.

Portanto, despesas ainda podem ocorrer, mas estamos saindo cada vez mais da estrutura passiva de atendimento aos nossos clientes, onde tínhamos 222 postos em setembro e passamos a 208 agora. Essa diferença de 14, estamos adicionando à estrutura ativa de agências, que passa de 503 para 524. O número líquido dos últimos 12 meses foi de apenas sete agências incorporadas à base.

E o *guidance* do Banco, que não houve revisão no trimestre, foi a manutenção dos indicadores que havíamos revisado ao longo dos últimos seis meses.

Com isso, encerramos a apresentação propriamente dita, e ficamos abertos aos questionamentos dos senhores e senhoras. Obrigado.

Marcelo Telles, Credit Suisse:

Bom dia, Alexandre. Obrigado pelo seu tempo. Eu tenho, na verdade, duas perguntas, a primeira mais específica: eu queria entender, no seu resultado, se teve algum efeito de variação cambial positiva em relação às dependências do exterior. Eu pergunto isso porque, quando olhamos aquelas outras receitas operacionais, assim como o *disclosure* das outras despesas operacionais, vemos que houve um ajuste cambial de mais ou menos de 18,8% do lado da receita e, do lado da despesa, seria uma despesa positiva de 10,6%. Queria saber se houve algum impacto nesse trimestre, ou se esse ganho, na verdade, se compensou em alguma outra linha, só para entender um pouco a recorrência do resultado.

E a segunda pergunta, uma pergunta mais geral, nós vemos o Banrisul indo muito bem em várias linhas, vimos algo de reprecificação, vimos também seguros, a parte de adquirência. É possível imaginar que o ROE do Banco possa continuar melhorando nos próximos anos, considerando que ainda deve haver algum efeito de reprecificação para acontecer do *back book* da carteira? O que podemos imaginar de ROE recorrente para o Banco no futuro? Obrigado.

Alexandre Pedro Ponzi:

Marcelo, vamos começar pela explicação com relação à margem, a impactos de variação cambial que possa haver no resultado do Banco. A questão do *net* de despesas e receitas operacionais, nós acabamos fazendo reconhecimentos de ajustes cambiais nas dependências do exterior.

Nós temos hoje um PL de US\$80 milhões. O Banco reconhece os efeitos sobre essas dependências nessas rubricas, mas não tem nenhum hedge por conta delas, pelo tamanho em relação ao tamanho total da instituição.

Acabamos sofrendo algumas variações, ou positivas ou negativas, tivemos ao longo do 1S R\$10 milhões, R\$11 milhões de despesas reconhecidas pelo ajuste de variação cambial, e tivemos, agora no 3T, por conta da efetiva variação cambial mais forte, um reconhecimento de receita operacional de R\$18 milhões.

O número total, se fossemos juntar um com o outro, daria quase R\$30 milhões de impacto, somadas essas duas rubricas, receitas menos despesas. Elas são reconhecidas, mas não tem uma estrutura de hedge natural. Elas são simplesmente contadas, e sofremos com as variações ao longo de todos os períodos.

Com relação à margem, aí sim, nós sofremos. Fizemos o ajuste quando da captação externa, lá em 2012, de modo que tenhamos uma estrutura de *swap* que transforme isso a um custo equivalente de CDI, para não sofrermos de forma pontual esses movimentos de variação.

Elas são reconhecidas em rubricas distintas dentro de resultados derivativos, e acabam afetando também despesas de captação, mas se anulam para efeitos de margem propriamente dita.

O que tivemos na estrutura de captação de Banco foi um crescimento de 3,2% em todas as rubricas – depósito a prazo, poupança, à vista, letra subordinada e outros – entre junho e setembro, mas a subordinada, por conta da variação cambial, tem o seu valor alterado de R\$1,8 bilhão para quase R\$2 bilhões, crescimento de 7%.

Isso acaba afetando a estrutura de despesas de captação como um todo, que acabam crescendo 34% no trimestre, mas, por conta da estrutura de hedge e *swap*, isso tem um efeito positivo na linha de derivativos. Isso nos anula para efeito de margem, mas pelo menos preserva o banco dessas variações.

E a margem registrada, que cresceu, o resultado financeiro antes de provisão, de R\$943 milhões para R\$980 milhões, crescendo 3,8% no trimestre, é isenta desses reflexos, porque eles se anularam na composição do número.

Portanto, o resultado de margem do banco, seja enquanto margem absoluta, seja enquanto margem percentual, é por conta de movimentos de reprecificação, carteiras de crédito, ajuste e melhorias que fizemos ao longo de todo o trimestre e do ano na nossa estrutura de geração de resultado.

Só para deixar claro: não há impacto da variação cambial de forma absoluta para dizer que foi isso que gerou margem ou resultado maior nesse trimestre.

Com relação a *guidance* de retorno, nós mantemos para este ano o *guidance* que demos para retorno, mesmo sabendo que essas estruturas adicionais podem vir a incrementar no futuro e, eventualmente, se somar a uma economicidade com despesa de pessoal, por conta da diminuição ou estabilização. Não vou dizer diminuição da estrutura de empregados, mas estabilização do número, dado o tamanho do Banco.

Elas têm um potencial maior, sim, sobretudo a parte de seguros, que deve entrar no ano que vem em ritmo operacional, assim que tivermos as aprovações todas; mas o retorno, hoje, estamos trabalhando com algo ao redor de 18% como recorrente, pelo menos para os próximos dois, três trimestres; talvez um pouco acima disso.

Marcelo Telles:

Está ótimo. Muito claro, Alexandre. Muito obrigado.

Guilherme Costa, Itaú BBA:

Bom dia. Parabéns pelo resultado. Queria agradecer a oportunidade e fazer duas perguntas. A primeira é sobre o crescimento da carteira. Observamos que boa parte do crescimento no trimestre foi devida à aquisição de crédito consignado para reduzir o impacto das medidas do Banco Central. Queria saber se existe ainda a possibilidade de vocês comprarem carteira nos próximos trimestres, ou se a grande compra já foi neste trimestre.

A segunda pergunta é sobre a margem financeira. Nós observamos que o custo de captação total caiu um pouco no 3T. Queríamos saber se as margens continuam expandindo nos próximos trimestres em decorrência disso, e se vocês ainda acreditam que há possibilidade de aumentar o spread nas carteiras, reprecificando os ativos.

João Emilio Gazzana:

Guilherme, o crescimento da carteira, obviamente, foi impactado positivamente pela compra de carteiras, em função daquela questão no compulsório de depósito a prazo; e também tivemos algumas operações de valor expressivo no 3T.

A projeção para o 4T é que devamos ficar mais ou menos dentro do *guidance*, que está entre 10% e 14%, porque avaliamos que, no 4T, não devemos manter o mesmo crescimento que tivemos no 3T, em função de que, obviamente, mesmo que haja mais alguma compra de carteira, não será mais nos mesmos montantes, e algumas operações nesse valor mais expressivo também não devem se repetir com a mesma intensidade, pelo menos. Então, continuamos esperando um bom crescimento no 4T, mas fechando o ano como um todo ainda dentro do *guidance*, próximo ao teto do *guidance*.

O que nós alteramos em relação às visões anteriores é que falávamos em crescimento mais próximo do piso do *guidance*, e agora nós estamos falando mais próximo do teto do *guidance*.

As margens do Banco estão em processo de reconstituição, conforme já vimos falando desde o 2T. Começamos a encontrar espaço para fazer o *repricing* das carteiras, e esperamos que esse processo possa continuar.

De qualquer maneira, a projeção para o ano é de nossa margem ficar também dentro do *guidance*, que é entre 7% e 8%, claro que na metade inferior. Para o futuro, para o ano que vem, vamos avaliar melhor isso, mas seguramente essa recomposição de margem do Banco veio para ficar. Ela não retornará aos níveis de dois ou três anos atrás, mas a tendência para o ano que vem é de uma sustentação e alguma melhora na margem.

Guilherme Costa:

Perfeito. Obrigado, Gazzana. Se você me deixar fazer mais uma pergunta, sobre PDD: nós observamos que teve um crescimento forte no trimestre, e vocês já tinham dito que era esperado, dado o nível muito baixo do 2T, mas a PDD continua mais próxima do *low* do *guidance*. Teria como você nos dar uma ideia do que poderia ser a evolução de PDD para o próximo trimestre?

João Emilio Gazzana:

Quanto à questão de despesas de provisão, nós sempre preferimos olhar um horizonte um pouco mais longo, porque, às vezes, de um trimestre para outro pode haver variações, em função da própria dinâmica natural de provisão de acordo com o andar da carteira, eventualmente algum atraso, e assim por diante.

Só lembrando que começamos o ano com um *guidance* de despesas de provisão entre 3% e 4% da carteira, em julho revisamos para alguma coisa entre 2,5% e 3,5%, e estamos trabalhando agora com uma projeção de que, para o ano de 2014 como um todo, deveremos ficar muito próximos do piso do novo *guidance*; alguma coisa de 2,6% talvez, 2,7%, alguma coisa mais ou menos nessa faixa.

Sempre fica complicado olharmos um trimestre isolado, porque ele pode ser afetado por alguns fatores específicos dessa dinâmica de provisões. Portanto, devemos ficar no ano próximos do piso do novo *guidance*, o que, comparado até com anos anteriores, é um percentual mais baixo do que o Banco vinha apresentando nos últimos anos.

Guilherme Costa:

Perfeito. Muito obrigado, Gazzana. E parabéns novamente pelos resultados.

Eduardo Rosman, BTG Pactual:

Antes de entrar nas perguntas, queria confirmar, porque eu tinha entendido que durante a apresentação o Alexandre Ponzi havia mencionado que a despesa de provisão deveria fechar o ano próxima de 3%, e agora o Gazzana falou em 2,6%. Eu posso ter me enganado, mas queria confirmar o que vocês estão vendo para o ano. Essa seria a primeira pergunta.

E também, vocês mencionaram na apresentação, que a inadimplência de 60 dias, em termos percentuais, cresceu pouco, mas acho que isso se deu também pelo crescimento forte da carteira no trimestre. Se pegarmos a carteira em atraso acima de 60 dias, ela cresceu quase 9% versus o trimestre anterior. Queria que vocês explicassem um pouco essa dinâmica, se devemos ver uma desaceleração de crescimento dessa carteira em atraso, ou se isso é uma coisa que preocupa.

E por último, queria entender o nível de recuperação. Vimos uma melhora muito grande no trimestre, isso foi bem positivo. Queria entender se vocês estão fazendo alguma coisa diferente para conseguir aumentar a eficiência dessa linha, e se dá para imaginarmos que recuperação fica nesse patamar para frente. Obrigado.

Alexandre Pedro Ponzi:

Rosman, só para ajustar, para não parecer que estamos conflitantes em nosso discurso, eu ajustei o intervalo do *guidance* de despesa que temos, entre 2,5%, 3,5%, e nós imaginamos que o esperado é alguma coisa com teto de 3%. Portanto, esse intervalo de 2,5% a 3% é o que devamos buscar, e o Gazzana já está dando o número mais próximo. Na verdade, nós estamos trabalhando que alguma coisa até 3% é aceitável.

Claro que ajustamos agora o 2,7% por conta de um crescimento mais robusto da carteira, porque estávamos com teto de 3% em junho. Já havíamos anunciado para vocês. Fizemos a revisão do *guidance* desse item especificamente, para deixar mais próximo do recorrente do Banco.

Já havíamos dito toda a indicação de que alguma coisa ao redor de R\$200 milhões por trimestre poderia ser esperada de despesas de provisão. É simplesmente uma questão de precisão do número.

Eduardo Rosman:

Perfeito.

Alexandre Ponzi:

Mas o teto não deve passar de 3%.

Aumento de inadimplência, óbvio que o crescimento da carteira também acaba ajustando esse número. Seria um pouco superior a 4,1%, alguma coisa ao redor de 4,2%, se a carteira não tivesse crescido com o adicional do aproveitamento da resolução do Bacen sobre o depósito compulsório sobre atraso.

E nós observamos, sim, que o crescimento da inadimplência neste período está mais concentrado na PJ do que na PF. Em relação a dezembro contra o 3T, a PJ tinha uma inadimplência de 3,5%, e agora está com 4%. A pessoa física está estabilizada ao redor de 4%, ela acaba não preocupando.

E isso acaba trazendo um componente de despesa em atraso de operações que ainda não estava impactando o índice, seja de 60 ou de 90, que ainda não foi impactado, por isso ficou estável no período; mas, sobretudo, acaba ajustando o fluxo de provisão.

Com a pessoa jurídica, tem o componente do fluxo reajustado, concentrado em poucas operações, mas pelo valor e pelo tipo de atraso, pela forma como se está dando a resolução, com recuperação judicial, vai, no mínimo, tomar algum tempo para buscar que essa receita de recuperação de crédito seja mais efetiva.

Tal provisão, e despesas de provisão propriamente ditas, estão afetadas sobretudo por operações como o setor corporativo.

Eduardo Rosman:

Perfeito, Ponzi. A questão da despesa ficou muito clara. Obrigado.

João Emilio Gazzana:

Eu só acrescentaria o seguinte: essa questão da inadimplência, se vocês lembrarem, já vimos falando desde o trimestre anterior, e até acho que já tinha alguma indicação no 1T também, que ainda estávamos lidando com um grupo de empresas de porte médio que poderiam ainda trazer algum problema.

Ainda estamos, de alguma maneira, lidando com isso, mas é uma coisa mais localizada, e esperamos que ao longo dos próximos poucos trimestres já consigamos equacionar de forma definitiva, e aí sempre há certa incerteza. Eventualmente, alguns desses casos acabaram virando recuperação judicial, aí começa a ocorrer algum atraso. Mas é uma coisa, conforme vimos dizendo, mais localizada.

Banrisul:

E na questão da despesa de provisão também tem a questão da rolagem da carteira daquelas operações que já estavam em atraso no passado e que, por não se resolver a situação da empresa que faz parte desse portfólio em atraso, nós precisamos complementar o provisionamento dela nas últimas letras, que são as letras mais pesadas de provisionamento, então isso também afeta a despesa de provisão.

E a questão do crescimento da carteira adquirida agora, é uma carteira que tem coobrigação e não exige um provisionamento. Esse também é um dos motivos do porquê de estimarmos ficar um pouco abaixo dos 3%, mas quando entrarmos comprando essas carteiras, esses 3% passam a ser um teto, não mais uma meta. Nós ficamos com uma despesa abaixo desses 3%.

Eduardo Rosman:

Perfeito. Muito claras as respostas. Obrigado.

João Emilio Gazzana:

Tem um detalhe ainda, Rosman, que você mencionou, que é a questão da recuperação. Na verdade, tem acontecido alguma coisa que foi dissabor lá atrás, no final do ano passado, no 3T13 ou 4T13, e de alguma maneira, em algumas dessas operações já vimos conseguindo

algum tipo de negociação com entrada de dinheiro, às vezes tem a garantia real, entra um novo investidor no negócio e, com isso, essa garantia real passa a ter um valor importante.

Então, temos conseguido, sim, alguma melhora na recuperação de crédito, que é uma espécie de rescaldo positivo de alguns problemas que causaram aumento de inadimplência no ano passado. E nós, obviamente, continuamos com esse esforço.

Banrisul:

E operações que já estavam baixadas a prejuízo no ano passado. Operações que vinham de 2011, entraram como prejuízo na virada de 2012 para 2013, agora passamos a receber esses valores e, desta forma, houve a recuperação de crédito baixado a prejuízo.

Eduardo Rosman:

Perfeito. Obrigado.

Francisco Kops, Banco Safra:

Bom dia. Queria só fazer um *follow-up* da primeira pergunta sobre impacto cambial. Acho que o Ponzi deixou claro que não houve impacto cambial na margem, mas só para ver se entendi direito, no release vocês mencionam numericamente que há um impacto de R\$208,5 milhões de aumento na despesa da dívida subordinada, e na parte de receitas vocês não falam o número, mas falam que a variação de tesouraria e de resultado com câmbio foi devida à variação cambial, e quando analisamos o que variou de um trimestre para outro, câmbio variou R\$80 milhões e tesouraria uns R\$220 milhões, o que dá uns R\$300 milhões, o que é acima desses R\$208 milhões.

Só para confirmar realmente, Ponzi, que não houve variação cambial e esses R\$300 milhões não são todos de variação cambial, tem alguma outra coisa. E depois eu faço outra pergunta. Obrigado.

Alexandre Pedro Ponzi:

Kops, duas questões: primeiro, vamos separar as operações de câmbio do banco, porque estas têm o hedge natural e, normalmente, pelo perfil, são casadas. Ou seja, o Banco só obtém a parte de recursos de banqueiros quando ele tem a conta ativa para colocar. Então, ele tem o delta pela taxa de juros colocada pelo risco da operação em si. Isso é uma das parcelas que justificam o crescimento, mas também a variação cambial.

A carteira de câmbio é uma carteira pequena, ela tem R\$750 milhões, contra R\$29,2 bilhões das outras carteiras. Ela é muito pequena em relação ao total. O crescimento da receita desse crédito tem a parcela de aumento também de despesas de crédito de repasses de terceiros, que acabou crescendo também, no líquido, R\$145 milhões, sejam repasses que nós temos de fontes nacionais, sejam repasses que temos de fontes externas. Parcela disso é para suportar crescimentos de operação de câmbio, mas naturalmente casadas na conta de exposição cambial.

Com relação a efeito de variação cambial, nós temos impactado uma parte de captação, que é a nossa dívida subordinada, que cresce, ela teve esse crescimento de 7% no trimestre, e que tem o componente de aumento de despesa de captação, o reconhecimento na despesa de captação, onde ela cresce um líquido de R\$280 milhões.

Mas a conta que anula, a conta do *swap*, a conta para eliminar esse efeito de variação está reconhecida dentro da carteira de TVM mais derivativos. Tem a TVM do Banco, que cresce por si só, e tem um efeito dos ajustes de *hedge*, que também acaba anulando.

Banrisul:

Na nossa demonstração de resultados, você verá que está separada uma linha de resultados com instrumentos financeiros derivativos. É um item específico, o instrumento financeiro derivativo que temos é o de proteção do *hedge* da operação de dívida subordinada que temos.

Se olharmos os 9M14, nós temos ali contabilizados R\$84 milhões de receita. Isso contrapõe o valor que tivemos de despesa de captação com essa captação subordinada, trazendo o custo dessa captação para um percentual de CDI, que é a nossa meta de custo dessa dívida subordinada.

Então, o valor que essa dívida subordinada afeta o nosso resultado está sempre sob controle, naquele percentual que estava contratado originalmente, quando contratamos a dívida subordinada e o *swap*, que tem o mesmo prazo, e traz esse custo para um custo *flat*, estável, quando em percentual desse CDI.

Francisco Kops:

Só para ver se eu entendi direito, a contrapartida do aumento da dívida subordinada está no resultado de tesouraria? O resultado de câmbio é outra coisa?

Banrisul:

Isso, mas ele tem uma linha específica no DRE, que é resultado de instrumentos financeiros derivativos. Ele não se confunde com o resultado de operações de TVM quando olhamos o DRE.

Francisco Kops:

OK.

Banrisul:

Eles são sempre estoque dentro daquele custo percentual de CDI.

Francisco Kops:

Perfeito. Se eu puder fazer mais uma pergunta, sobre cartões. Estamos vivendo um ambiente em que, provavelmente, chegaremos a 2015 em um ambiente de interoperabilidade entre bandeiras e adquirentes. Só queria saber se a Vero já foi procurada por Elo, Hiper, AmEx, as bandeiras que detêm exclusividade com adquirencia, se vocês já estão fazendo algum trabalho em conjunto. E também, na parte de emissão, como está Banricompras, se vocês já têm alguma definição de modelo, se vai continuar sendo o *acquiring*. Se puderem compartilhar um pouco conosco, seria bom. Obrigado.

João Emilio Gazzana:

Por enquanto, estamos na fase que foi estabelecida pelo Banco Central, que até o início de dezembro deveremos informar às autoridades todas as nossas regras como emissores e como empresa de *acquiring*.

O que esperamos é que, durante o ano que vem, o mercado se movimente e obviamente comece a haver um avanço nessa questão, que nos dará a oportunidade de capturar outros cartões que hoje não capturamos, e também uma eventual abertura para que o nosso cartão de débito também possa ser capturado.

Mas, no momento atual, não temos nada de concreto. Obviamente que o Banco tem participado de todas as reuniões, tem conversado com todos os *players* nos encontros que têm sido promovidos, mas não temos ainda nada de concreto. Estamos preparados para isso, estamos nos preparando desde 2011 com investimentos nessa área etc., porque sabíamos que esse movimento viria.

Não vemos isso como um problema, não vemos como ameaça, vemos também como uma oportunidade. Porque, obviamente, o Banco também poderá tirar proveito desse novo cenário, assim como se beneficiou quando houve o fim das exclusividades, que nos abriu o caminho naquela questão de Visa e MasterCard, que hoje é uma poderosa fonte de receita.

Então, por enquanto, estamos consolidando os passos determinados pelo Banco Central, que são justamente manter aquelas informações, e esperamos que no ano que vem haja uma evolução nessa linha, para a qual estamos totalmente preparados, e vemos aí uma oportunidade muito grande.

Para isso que criamos a empresa, para isso que investimos pesadamente em TI, exatamente para que pudéssemos estar em linha e tirar proveito dessa nova situação de mercado que já se desenha há um bom tempo.

Francisco Kops:

Perfeito, Gazzana. Obrigado, e parabéns pelo resultado.

Marcelo Mizrahi, Itaú Asset:

Bom dia. Na verdade, tenho duas dúvidas. A primeira é sobre a alíquota de imposto de renda, que veio mais baixa. Queria entender em quanto vocês esperam terminar, e se esperam um aumento da tarifa no próximo trimestre.

Além disso, sobre também a questão de outras despesas e receitas operacionais, queria entender sobre a reversão de provisões cíveis e trabalhistas, além de aqui ter as provisões de outros. Temos na soma, quase R\$10,6 milhões de reversões de provisões.

Primeiro, queria saber se isso também deveria ser tratado como não recorrente, assim como aquela discussão sobre o impacto cambial; e, em segundo lugar, a alíquota de impostos. Quando vocês falaram sobre ROE no ano que vem, se ajustarmos o imposto de renda a uma alíquota mais baixa e os ajustes dos impactos cambiais, o retorno está abaixo de 15%.

Então, queria saber de onde que vocês acham que viria esse retorno de 18% no ano que vem. Vocês esperam que as despesas de provisão caiam muito no ano que vem, esperam que a margem cresça muito? Mais para entender de onde o Banco conseguiria melhorar tanto a rentabilidade nos próximos trimestres.

Banrisul:

Marcelo, em relação à reversão das contingências, na realidade, nós temos um fluxo de provisionamentos em que valíamos juridicamente cada uma das ações que estão dentro do nosso portfólio de ações contra o Banco, algumas dessas ações vinham sendo provisionadas e precisam ser ajustadas e as outras entram em provisionamento.

Então, quando olhamos individualmente, enxergamos reversões na receita, mas também enxergamos os provisionamentos que existem na despesa. Desta forma, na realidade, temos que tratar o andamento do montante total de provisões que temos, e este montante total de provisões que temos corre em uma linha normal de recorrência; ou seja, não temos nada que não seja não recorrente, algo que seja diferente ou que tenha alguma situação que não tenha sido tratada já ao longo do tempo.

Quanto à questão da alíquota do imposto de renda, quando olhamos individualmente o valor do imposto de renda contra o resultado antes do imposto de renda, temos que considerar que alguns eventos que afetam o imposto de renda em sua base de cálculo não são tributáveis, como a equivalência patrimonial.

Esse é um dos principais fatores que estão trazendo alguma volatilidade na alíquota efetiva do imposto de renda quando comparamos trimestre a trimestre.

Como estamos tendo alguma volatilidade dentro da variação cambial, e nós internalizamos os valores do patrimônio líquido das nossas subsidiárias no exterior, isso nos traz algum movimento dentro dessa questão da alíquota efetiva de imposto.

Nesse sentido, os dois principais ajustes que temos dentro da base de cálculo do imposto de renda para calcular a alíquota efetiva são os juros sobre capital próprio, em que temos a política de pagamento de juros sobre capital próprio constante, e isso não nos traz volatilidade na alíquota efetiva; porém, esses outros itens de equivalência patrimonial afetam a base de cálculo.

Marcelo Mizrahi:

E quanto à questão da melhora de rentabilidade? Se vocês pudessem nos dar um pouco mais de cor.

Alexandre Pedro Ponzi:

Marcelo, desculpe, mas não conseguimos entender. Está muito baixo aqui do nosso lado. Você pode repetir?

Marcelo Mizrahi:

Se eu entendi direito, houve uma pergunta mais cedo sobre qual é a rentabilidade esperada para o próximo ano, na medida em que vocês tenham um cenário um pouco mais estabilizado para produzir provisão. Foi falado o número de 18%. Se analisamos o retorno do Banco nos últimos trimestres, a rentabilidade está muito abaixo desse patamar. Queria entender de onde vocês acham que vem essa grande melhoria de rentabilidade, se vem pelas provisões, se ela vem pelas despesas, pela eficiência. De onde vocês acham que vem essa melhora de rentabilidade?

João Emilio Gazzana:

Nós já declaramos aqui em outras oportunidades que não estamos satisfeitos com o retorno, com nosso ROE, nem com o nosso índice de eficiência, e que estávamos convencidos de que o Banco estava embarcando em um processo de melhoria lenta a gradual nesse sentido.

Nosso índice de eficiência já começou a ter uma melhora, já apresentada neste trimestre. E com relação ao retorno, o nosso ROE, agora é cedo para que façamos uma projeção para 2015. Obviamente faremos isso, apresentando um novo *guidance* logo no início do ano.

Mas, baseado em tudo o que estamos vendo agora nos dois últimos trimestres, no ano que vem, obviamente que não estaremos de volta aos níveis de ROE de dois ou três anos atrás, mas esperamos, de alguma maneira, já melhorar significativamente em relação ao que está ocorrendo neste ano.

Por que esperamos que isso possa ocorrer? Aí tem várias questões. Uma delas, estamos contando com o crescimento acelerado e continuado da nossa receita de serviços, puxada pela adquirência, puxada pela área de seguros e previdência privada.

Inclusive, lembrando aqui que, com a entrada em funcionamento, como esperamos, da nossa seguradora, essa atuação do Banco e as receitas do Banco devem ficar ainda mais fortalecidas para o ano que vem. Então, de um lado, continuar esse crescimento forte na receita de serviços, constituindo uma parcela cada vez mais importante da receita do Banco.

De outra parte, a qualidade da carteira de crédito do Banco claramente tem melhorado, e obviamente, colheremos os frutos disso à frente. Mesmo que ainda tenhamos algumas questões, alguns segmentos, como na área de empresas de médio porte, em que ainda estamos enfrentando alguns problemas que estão nos levando a ter que provisionar um pouco mais, eventualmente alguma inadimplência, mas no geral, estamos contando com essa melhoria na qualidade da carteira, o que também deve nos ajudar em resultados no próximo ano.

De outra parte, alguns fatores que levaram à redução da rentabilidade do Banco, e fez com que fôssemos, inclusive, criticados pelo mercado, que foi a abertura de agências, claramente observamos agora que essas agências começam a trazer retorno. São agências em que o Banco investiu em 2011, 2012 e 2013, e nós podemos verificar que já começa a haver retorno por parte delas.

Então, além de não ter despesas adicionais, como vinha ocorrendo, de alguma forma nós começamos a ter o retorno dessas agências; elas começam a contribuir positivamente para o resultado do Banco.

Outros aspectos: na questão de pessoal, uma vez resolvida a questão do plano de previdência dos funcionários, o Banco entra em uma fase em que fica melhor, fica mais fácil. E tem sido possível algum ajuste no quadro de pessoal, mesmo que não estejamos colocando aqui alguma redução mais dramática ou mais importante; mas, de qualquer maneira, há uma tendência é de redução no quadro de pessoal do Banco, ao contrário do que chegou a acontecer no período passado.

E outras medidas, como: introduzimos no início de 2014 um processo de automação do *back office* das agências. Isso também é um fator de aumento de produtividade para o futuro.

Além disso, no Rio Grande do Sul, abrimos agências, mas em outros estados estamos fazendo o movimento de focar mais *middle market* de grandes empresas, e com isso seria possível também sermos agências de custo bem menor, algumas agências de andar, inclusive, que, além de poder incrementar o volume de negócios, também têm um custo mais controlado.

Em resumo, eu diria que passamos em 2012, 2013 e parte de 2014, por um processo de ajuste importante, e agora, de alguma forma, começamos a colher os frutos desse resultado.

Outro aspecto que tem influenciado a margem, não esqueçamos que tivemos um problema muito forte, que em parte ainda perdura, mas bem mais atenuado, da competição dos bancos federais, principalmente de um deles.

E, obviamente, esperamos que, para o ano que vem, essa competição também seja arrefecida, ela tenda a ser menos intensa, com isso abrindo espaço para poder o Banco fazer o *repricing* das suas carteiras, na medida da necessidade.

Então, não estamos esperando nenhuma mudança dramática de ROE para o ano que vem, mas esperamos poder continuar esse processo de melhoria, colhendo frutos em todas essas frentes que estamos mencionando.

Operadora:

Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de retornar a palavra ao Sr. João Emílio para suas considerações finais.

João Emílio Gazzana:

Agradecemos a todos por participarem do nosso *conference call*, e esperamos contar com todos vocês no próximo trimestre. E obviamente, estaremos sempre à disposição durante esse período para esclarecer dúvidas. Obrigado.

Operadora:

O *conference call* da Banrisul está encerrado. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de Relações com Investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição."